

“DANÇA DIONISÍACA”?

ESTILOS NACIONAIS NO FUTEBOL SUL-AMERICANO

HANS ULRICH GUMBRECHT¹

Tradução
Daniel R. Bonomo**

RESUMO

Quando por muito tempo foi tida como certa (provavelmente desde os anos 1920 ou 1930) que os diferentes "estilos" de jogar futebol (ou outros esportes de equipe) são a "expressão" de essências nacionais individuais, existem vários exemplos e razões que mostram que essa suposição não tem mérito e não pode ser consolidada. Por outro lado, qual a melhor teoria ou conceito disponível para explicar a existência inegável de tais continuidades nacionais nos estilos de esportes coletivos? Focalizando os casos de Argentina/ Uruguai, Brasil e Chile, este ensaio sugere que “considerações históricas” específicas são necessárias para cada caso individual. As continuidades estilísticas nos esportes de equipe muitas vezes têm sua origem a partir de invenções individuais de um estilo de jogo e primeiros sucessos. A possível convergência entre tal sucesso esportivo e momentos importantes dentro das histórias nacionais é uma segunda associação. Em terceiro lugar, que ajuda (mas não é necessário), é que tais "estilos nacionais" podem ser "entendidos" e "lidos" como alegorias de uma essência nacional (apesar de tais alegorias não terem mérito factual).

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Brasil, América do Sul, performance, Estilo e Alegoria.

ABSTRACT

While it has long been taken for granted (probably since the 1920s or 1930s) that different “styles” of playing soccer (or other team sports) are the “expression” of individual national essences, there are multiple examples and reasons to show that this assumption has no merit and cannot be consolidated. On the other hand, what better theory or concept is available to account for the undeniable existence of such national continuities in the styles of team sports? Focusing on the cases of Argentina/Uruguay, Brazil, and Chile, this essay suggests that specific “historical considerations” are required for each individual case. The stylistic continuities in team sports often take their origin from individual inventions of a playing style and early successes. The possible convergence between such athletic success and important moments within national histories is a second association. Thirdly, it helps (but is not necessary) for such “national styles” to be capable of being “understood” and “read” as allegories of a national essence (although such allegories have no factual merit).

KEYWORDS: Soccer/Football Performance.South America. Expression. allegory.

Não é preciso ser fã de futebol para – considerando a proximidade da Copa do Mundo – associar ideias concretas a uma conversa sobre estilos futebolísticos como o italiano ou o holandês, o brasileiro ou o alemão. É também quase tão evidente quanto sua existência que tais formas duradouras não são, como se costuma supor, “expressão” de temperamentos nacionais. Pois, ao passo que a imagem do futebol brasileiro ou inglês é associável a seus respectivos estereótipos, não há identidade nacional que corresponda ao já quase quinquagenário esquema predominantemente defensivo do futebol italiano ou à prontidão arriscada e ofensiva dos holandeses.

No entanto, não é fácil compreender como surgem estilos assim específicos. Só se “explicam historicamente” mediante desenvolvimentos históricos singulares, sem inferir padrões indutivos ou dedutivos. O estudo de estilos esportivos dificilmente poderá evitar uma premissa epistemológica e um problema metodológico. De acordo com a necessária premissa, movimentos são vistos como *performance* e não como ações, quer dizer: não como a realização de motivações, mas como uma coreografia em contexto espacial e normativo específico. O problema metodológico de pesquisas históricas sobre *performance* resulta da absoluta ausência de imagens em movimento que tenham mais de um século. Possivelmente, essa dificuldade fez com que a pesquisa histórica do esporte se concentrasse no domínio das instituições e suas ideologias. A reconstrução da atualidade pretérita do esporte só tem início com a invenção das imagens em movimento e, com relação à primeira metade do século XX, depende amplamente de material fílmico feito para programas semanais, que, em sua gestualidade pontual e minimalista, produz no melhor dos casos primeiras intuições. As imagens relegam portanto sua possível – e sempre hipotética – consistência a descrições esportivas geralmente bastante vagas de autores jornalísticos e às vezes literários.

Ao contrário do que faz supor um conceito corrente de “futebol sul-americano”, o jogo na América do Sul é tão diferenciado quanto na Europa. Os primeiros estilos nacionais sul-americanos, que mereceram atenção internacional muito antes dos europeus, recuam ao futebol uruguaio sob influência dos imigrantes escoceses e ao futebol argentino sob influência dos ingleses – o que explica, ao menos no Uruguai, um “domínio de bola” supostamente superior. As fronteiras sociais do futebol são claramente divergentes nos dois países. No Uruguai – isto é, numa população hoje com pouco mais de três milhões de habitantes –, na capital Montevideú, surgiram em finais do século XIX clubes de classe média baixa (como o Peñarol) e clubes de classe alta (como o Nacional), ambos então permeáveis a jogadores talentosos da periferia da sociedade. Em Buenos Aires, por sua vez, predominam até hoje diferenças entre os bairros da cidade, com seus estádios e ideologias políticas (o San Lorenzo, time predileto do papa Francisco, pertence é claro a um bairro de trabalhadores e tradição socialista).

Em 1924, após alguns campeonatos sul-americanos, o time nacional uruguaio – e com ele o futebol – foi a principal atração dos jogos olímpicos de Paris. José Leandro Andrade, o protagonista, sendo afro-uruguaio, só fez aumentar à época o entusiasmo com a descoberta da cultura africana pelos franceses como *négritude*, enquanto o Comitê Olímpico Internacional, comprometido com a modalidade então amadora, desde logo (e até hoje) teve de conter qualquer potencial prevalência do futebol. Quatro anos depois, em Amsterdã, a equipe uruguaia voltou a ganhar os jogos olímpicos, derrotando agora a Argentina, pouco antes do acirramento da tensão entre futebol e esportes olímpicos promovido pela primeira Copa do Mundo, em 1930, ano do centenário da independência uruguaia. O Uruguai venceu, derrotando, por 4 a 2, novamente a Argentina.

Terminou assim a primeira fase de conquistas mundiais do futebol rio-platense, provavelmente também porque a Itália de Mussolini, preparando-se para sediar o campeonato de 1934, angariou, mediante “naturalizações” e salários altos, jogadores argentinos e uruguaios. Eram considerados jogadores técnicos, atléticos e disciplinados, os uruguaios seguros na orientação e ofensivos no estilo, ao passo que os argentinos, ofensivos verticalmente, produziram com Guillermo Stábile um primeiro artilheiro recordista mundial. Já surge aqui uma aura nacional correspondente a tipos específicos de jogadores, que prossegue até o presente com Lionel Messi e Diego Forlán.

Antes de tudo, porém, aquela década futebolística gloriosa participava de uma euforia nacional dupla: no Uruguai, então visto como “Suíça da América do Sul”, e na Argentina, que projetava um futuro promissor na economia mundial. Poemas em estilo modernista, que continuam canônicos, louvaram jogadores de futebol excepcionais como emblema do tempo presente e do progresso nacional. No Uruguai, grandes conquistas do futebol coincidiriam ainda outras duas vezes com momentos de renovação da autoestima nacional: na Copa de 1950, com a sensacional vitória sobre o Brasil, que era o anfitrião, e também em 2010 e 2011, vencendo a Copa América após um desempenho surpreendente na África do Sul. A relação do futebol nacional com a história argentina é por seu turno ambivalente: a primeira vitória mundial, em 1978, em casa, permaneceu vinculada à lembrança da mais cruel entre as ditaduras do continente, enquanto a segunda vitória mundial, em 1986, simbolizava claramente um recomeço democrático.

Pouco depois do rio-platense, mas sob condições sociais diversas, entra em campo o futebol brasileiro. Nos clubes de regatas dos bairros privilegiados do Rio, à beira-mar, especialmente no Flamengo e em Botafogo, imigrantes e elite local formam uma classe homogênea, que – como a seleção nacional – permanece inacessível a jogadores afro-

brasileiros e proletários. Ao mesmo tempo, em São Paulo, surgem clubes para subprivilegiados de origem diversa. Entre eles, o Sport Club Germânia, no qual Arthur Friedenreich, filho de pai alemão e mãe afro-brasileira, se destacaria como o primeiro protagonista do futebol brasileiro. Por falta de conquistas internacionais e, portanto, de documentações fílmicas, é difícil construir uma imagem do futebol brasileiro anterior à Copa do Mundo de 1938 na França. Só então floresceu a seleção nacional, com uma série de jogadores afro-brasileiros, principalmente com Leônidas da Silva, logo alçado à condição de estrela, incorporando já – como faria Mané Garrincha um quarto de século mais tarde – aquele estilo artístico e às vezes arteiro, sempre arriscado e com frequência irresistível, que até hoje esperamos do futebol brasileiro.

Como “dança dionisíaca”, no clima da ideologia protofascista à volta do presidente Getúlio Vargas, tal forma, antes mesmo do encerramento do campeonato mundial de 1938, foi elevada por intelectuais, como o grande antropólogo Gilberto Freyre, a emblema de uma identidade nacional desejada como “mistura de raças”, e foi celebrada por espectadores de todas as classes sociais. Mais ainda que no Uruguai e na Argentina, esse estilo futebolístico recaiu sobre a autoimagem coletiva do brasileiro – talvez porque convirjam também no Brasil frequentemente a crise do esporte nacional e a crise da política nacional. A até hoje denominada “tragédia” da derrota para o Uruguai em 1950 pode ter contribuído para a derrocada da Era Vargas, que – após outro campeonato mundial frustrante –, em agosto de 1954, termina com o suicídio do presidente sob pressão dos militares. Por sua vez, em razão do primeiro título mundial (vencendo a Suécia por 5 a 2 em Estocolmo) e também em virtude da *Stimmung* florescente vinculada ao governo de Juscelino Kubitschek, motivada pela realização do projeto de uma capital no centro do país, 1958 é o “ano dourado” da história brasileira. Apesar das espetaculares mudanças do país nas últimas

décadas, parece impensável mudar algo nesse conceito identitário e nesse estilo futebolístico.

Mas, por que no Chile – que, excetuando o período de ditadura militar, é política, econômica e culturalmente a nação-modelo da América do Sul – não se produziu uma tradição bem-sucedida e um estilo específico de futebol? A história do futebol chileno, à semelhança do que ocorreu no Brasil, começa com a separação entre os extratos mais baixos e heterogêneos da sociedade e os clubes (não raro com nomes ingleses, como Wanderers ou Everton) onde se encontravam membros de uma por assim dizer aristocracia nacional formada pela elite dos imigrantes. No Chile, a predominância precoce de ideias políticas socialistas tem possivelmente que ver com a já quase secular autoimagem ofensiva que, sobretudo nos clubes das camadas mais baixas da sociedade, marcou o esporte amador, revestindo todo profissionalismo de preconceitos morais – e que provavelmente motivou as camadas mais altas a associarem atividades esportivas com instituições universitárias (no futebol chileno, ainda hoje, predominam os times Universidad de Chile e Universidad Católica, e Colo-Colo, que, apesar do nome referindo um cacique mitológico de tempos pré-coloniais, foi igualmente fundado por universitários, em 1926). Ao mesmo tempo, no Chile, afirmou-se uma autoimagem de nação “modesta” e “pequena”, que, em face da dimensão geográfica e de uma população estável de 17 milhões de habitantes, parece estranhamente exagerada. Ambos os fatores, a restrição socialista ao esporte profissional e a “modéstia” como valor dominante na autoimagem do país, devem ter limitado o potencial do futebol chileno e assim impedido que conquistas – como o terceiro lugar, em 1962, quando sediou a Copa do Mundo – jamais se convertessem em ponto de partida para uma tradição estilística própria.

Estilos futebolísticos existem como lembrança de formas coreográficas e repousam, quando persistem, sobre duas premissas

inseparáveis – a exemplo do contraste do caso chileno. Ainda que não surjam como alegorias ou símbolos, mas remontem geralmente a conceitos de grandes treinadores – como o *catenaccio*, de Helenio Herrera, e o “futebol total”, de Rinus Michels –, estilos podem ser alegóricos com relação a autoimagens e histórias nacionais. Assim, estilos futebolísticos adquirem continuidade para além do *status* de emblema de jogadores carismáticos e times vitoriosos. No entanto, mais notável que o surgimento e a existência de tais estilos é a dificuldade de superá-los. Para o Brasil e para a Alemanha, duas nações futebolísticas clássicas, o estabelecimento de uma mudança estilística é condição para o sucesso na próxima Copa do Mundo – por mais que seja ameaça constante a reincidência em padrões tradicionais.

A compreensão desse complexo de fenômenos poderia resultar num paradigma para a análise de tonalidades nacional-culturais. Sabemos que culturas nacionais vizinhas tais como a suíça e a austríaca, a espanhola e a portuguesa permaneceram nitidamente diferentes, sobretudo no que respeita a uma dimensão-base da *Stimmung* que raramente é matéria de pesquisas. Seria a mudança de estilo no futebol alemão pensada por Joachim Löw tão irrealista como, por exemplo, a sugestão de impor à língua dos cidadãos de Zurique uma prosódia vienense?

Notas

* Professor de literatura na Universidade de Stanford. E-mail: sepp@stanford.edu

** Doutor em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo. E-mail: drbonomo@gmail.com

Data de envio: 09/01/2014.

Data de aceite: 18/01/2014.